

EDITORIAL

Pablo Ramón Fuentes-Hernández

Director Arquitecturas del Sur,
Departamento de Diseño y Teoría de la
Arquitectura, Facultad de Arquitectura,
Construcción y Diseño
Universidad del Bío-Bío
Concepción, Chile
<https://orcid.org/0000-0001-6628-6724>
pfuentes@ubiobio.cl

Gonzalo Andrés Cerda-Brintrup

Editor Arquitecturas del Sur,
Departamento de Diseño y Teoría de la
Arquitectura, Facultad de Arquitectura,
Construcción y Diseño
Universidad del Bío-Bío
Concepción, Chile
<https://orcid.org/0000-0002-4174-7421>
gcerda@ubiobio.cl

Um novo mundo

Os recentes acontecimentos políticos que abalaram a política internacional nos últimos tempos parecem deixar a arquitetura como um fator alheio às mudanças estruturais pelas quais o mundo está passando. Tais mudanças se refletem em guerras, invasões, ocupações, omitindo — ou mesmo transgredindo —, na maioria das vezes, o que pomposamente chamamos de “ordem mundial”. O otimismo social por um mundo que respeitava a lei e os acordos entre os países, amparados por organismos internacionais pomposos, também parecia poder transferir suas soluções para a arquitetura, de modo que a disciplina nos últimos anos nunca foi tão internacional e variada, tão fastuosa e, também, em casos memoráveis, tão discreta. Sua realização ocorreu em relação direta e simples com os avanços tecnológicos, trazendo novos desafios impostos pelas mudanças climáticas, pela sustentabilidade, pelos novos meios de produção e, acima de tudo, diante do esgotamento das fontes tradicionais de energia, buscando novas fontes; as novas explorações agora investigam novos tipos de energia oriundos de recursos naturais — lítio, terras raras — que despertam os mais vorazes apetites políticos e econômicos.

A pobreza, a fome, a miséria de boa parte do planeta, alojadas nos países menos desenvolvidos, não foram flagelos suficientes para imitar, aderir ou simplesmente habitar o que chamamos de “desenvolvimento”. Deste lado da rua, o desenho dessa situação cristalizou-se amplamente ao longo do tempo. Em outras palavras, não se alcançava o desenvolvimento na locomotiva, mas se viajava com certo costume e conforto no vagão de trás.

A divisão habitual — esquemática, aliás — entre um polo liberal e um polo socialista, que, após a Segunda Guerra Mundial, se transformou em uma construção compartilhada, parece desmoronar depois de sete décadas, vítima de sua própria sonolência.

A democracia, o grande progresso originado pelo desenvolvimento social do século XIX e consolidado no século XX, conseguiu manter-se firme como um mastro ao qual se aferrar, garantia de um mundo possivelmente mais entusiasmado e otimista na forma de gerir seus rumos. Cada país, uns mais, outros menos, conseguiu, de forma legítima, ou às vezes com reticências e talvez com ceticismo, invocar suas virtudes para estabelecer suas estratégias e participar do drama do desenvolvimento moderado e contínuo. O mundo ocidental parecia dar lições ao resto do mundo, ao validar, para todos, um modo aparentemente melhor, já que, afinal, era o nosso.

Os impérios retornaram? A prática esquecida de bater na mesa, de puxar a toalha durante o jantar das transações de poder, passou a definir que não haveria mais dois, mas pelo menos três comensais que hoje esperam dividir o bolo que resta. Ao poder americano e ao russo, hoje se junta à mesa o chinês. Trata-se de um convidado sobre o qual pouco se sabe, mas com o qual se negocia muito. De qualquer forma, cada um tem sua parte na refeição; seus apetites são insaciáveis. Suas próprias ações desmedidas justificam as do adversário, de modo que “se você faz, eu também tenho o direito”. Não há oposição, há apenas delimitação

do território de ação, “eu aqui e você ali, continuemos negociando”.

De uma forma ou de outra, os dogmas caem, e a imprensa é invadida pela desinformação e pelo desconcerto.

Defendeu-se com persistência maneiras que a cultura ocidental validou. A arquitetura isolou, em um lugar à parte, o que as cabeças de seus próprios poderes consideraram como a “boa arquitetura”, em detrimento de “outras arquiteturas”, certamente mais fáceis de julgar, mas menos de compreender. Se a ordem mundial foi defendida, hoje parece que, na realidade, se protegeu algo que eventualmente nunca existiu. Esse desencanto já se instalou como patrimônio mundial.

A América Latina tem, involuntariamente, sido parte dessas novas tensões. Sua jornada no pêndulo da esquerda para a direita mais extrema, presa de pagãos e charlatões — alguns ditadores e outros ególatras —, não consegue ceder à estabilidade que a democracia promete. A **invasão**, uma palavra que parecia esquecida no passado, trouxe de volta um estado de perplexidade, raiva, estupefação e desconcerto. Ninguém tem seu lugar garantido, muito menos um futuro certo. A arquitetura, nesse ambiente, poderia facilmente refletir a falta de certezas e, pior ainda, a falta de vergonha. Esse é um risco permanente. No entanto, por meio da **Arquitecturas del Sur**, a insistência em alternativas próprias da arquitetura, um modo cultural amplamente difundido pelo território e pela academia nas últimas quatro décadas, continua resistindo obstinadamente. Aqui continuamos, em um novo mundo.